

O bem, o mal e a dívida

A antiga discussão sobre os fenômenos da cultura, dita de massa, continua palpitante. Após seis anos de sucesso, o *slogan* da Coca-Cola foi reeditado em rede nacional de rádio e TV: *a emoção pra valer*, do primeiro anúncio, agora pra *sempre*. Um *Sempre* transitório, pois a justificativa da mudança do *slogan* foi a “transformação do perfil do público”. A figura do *ombudsman* nos jornais impressos quer também “responder” ao perfil e às inquietações de seus leitores. O que efetivamente se passa entre a fonte e o usuário da informação? O que mudou no sistema comunicacional nestes últimos tempos? E finalmente: a massa tem poderes para definir suas escolhas, tem poderes para falar?

Dentre os estudos voltados para os meios de massa, constata-se a economia de pesquisas a propósito do rádio, veículo que sabe apenas fazer falar. Recalcado, o rádio foi expulso da noite, como sugere Luis Milanesi (1985). Também não mais frequenta o centro da sala, junto à mobília talhada para confortar o indivíduo após a jornada de trabalho. O rádio, após o surgimento e a popularização da TV, deslocou-se. Presta-se ao dia, à transitividade, ou, ainda, à solidão dos que adormecem. Talvez, por tudo isso, o vigor das mensagens radiofônicas passe despercebido por muitos pesquisadores.

Neste cenário, é, portanto, bemvindo *Bemaldivida*, de Jeanne Marie Machado de Freitas, que faz falar as vozes do rádio. *Bemaldivida* nasce da assombrosa constatação: a massa, ou o Povo, como define a autora, nomeou, com 558.138 votos, o radialista Afanázio Jazadji deputado estadual, em 1986. “A maior votação já registrada na história da Assembleia Legislativa de São Paulo” (p. 15). Afanázio é responsável pela produção e locução de um programa jornalístico policial, atualmente no ar pela Super-rádio Tupi AM.

O programa Afanázio Jazadji, travestido de informação jornalística, circunscreve o universo ficcional, sem assumi-lo integralmente. Em *A Informação no Rádio* (Prado, 1989, p. 11) lemos no prefácio assinado pelo jornalista Heródoto Barbeiro:

“Os programas policiais, de grande audiência, criam em cima dos fatos. Escapam do campo jornalístico e partem para o da literatura de ficção. Apoiados em nomes de vítimas e agressores, e de fatos acontecidos, criam uma história irreal mas que cativam massas de ouvintes. Com maior liberalidade e sem nenhuma responsabilidade civil e criminal, chamam-se pessoas de assassinos, ladrões, contrabandistas, etc. Neste tipo de programa ninguém é suspeito de nada. É ou não é culpado. O critério de julgamento não cabe à justiça, mas ao produtor-apresentador do programa. Assaca-se contra a honra alheia e nada acontece”.

Em face do construto criado pela voz planetária do locutor policial, *Bemaldivida* lança a questão: “Se a escolha do Povo expressa a sua vontade, o que, de verdade, se manifesta em tal vontade popular?” (p. 10), já que a massa fiel de ouvintes elegeu como seu representante os ecos desta voz que insufla um mundo de crimes e criminosos.

O livro compõe-se de sete capítulos e de um anexo em que se pode apreciar com agudeza as falas de Afanázio Jazadji. Tomando por base postulações vindas da psicanálise freudiana e lacaniana, a autora apresenta suas inquietações e possíveis respostas por meio de um discurso articulado a referências teóricas que facilitam a apreensão do leitor menos acostumado aos conceitos psicanalíticos, pois o assunto em pauta interessa não só à psicanálise, mas, sobretudo, às ciências da comunicação. Os capítulos “temáticos”, nem por isso estanques, contribuem para a leitura fluida e, na mesma medida, fornecem o mapeamento das hipóteses que o trabalho sustenta.

Inicialmente, a autora precisa a origem de Povo:

MONICA REBECCA FERRARI NUNES é professora do Ensino Superior em São Paulo e autora de *O Mito no Rádio: a Voz e os Signos de Renovação Periódica* (AnnaBlume).

Bemaldivida, de Jeanne Marie Machado de Freitas, São Paulo, Edusp, 1993.

“talvez tenha surgido como fruto de um acordo, o *pactum societatis*, e, assim, constituído como referência, passou a integrar a sintaxe obrigatória das histórias, comandos, tratos que exigem a presença de um parceiro que, mesmo difuso, demanda uma representação” (p. 11).

Apoiada pelo desenvolvimento da razão iluminista, afirma que a legitimação ético-política do discurso da razão ganha força na referência povo, ou seja: “o Povo é o herói por cujo bem se legitima as práticas da razão ou até mesmo as produções da ciência”. E reitera, esboçando a conclusão:

“O que determina as escolhas do Povo? A experiência da escolha coloca o homem comum, o homem do Povo, o homem em uma relação com a sua própria ação que transcende o senso comum onde talvez se inscrevam os princípios da razão articulada: indica-nos, antes, uma direção, uma tendência, um bem, situado além das normas e das obrigações” (p. 15).

Tendo em vista as determinações inconscientes que regem a condição humana, a autora entende que as escolhas do homem, isto é, o seu bem, estão submetidas à outra racionalidade, a que Freud nomeou desrazão: “Há uma outra razão que dirige as escolhas e que não é a mesma que suporta a racionalidade suposta na escolha. Essa razão expressa um bem” (p. 80). Mesmo que este Bem seja Mal, transcrito pela razão consciente.

Os vieses são tramados. Jeanne Marie, ao longo do livro, põe em cena os constituintes da desrazão. Faz valer fundamentos da teoria freudiana como o sentimento de culpa e o recalque das pulsões agressivas, da pulsão de morte - retratados no mito da horda primitiva, que explicaria o mito de Édipo, e no surgimento da religião monoteísta. Estes sentimentos subjazem à civilização, que se ergue sob o signo do mal-estar: o ódio, o assassinato do Pai Primevo, a culpa e a memória de sua morte. Entretanto, tais episódios fundam a Lei, propulsora da ordem simbólica em que se enlaça o humano.

“A dor de viver” é saber que além da felicidade e do bem que todo homem deseja, “jaz um vazio, incontornável, a morte” (p. 28). A busca do bem e da felicidade se defronta com duas forças: o princípio do

prazer e o princípio da realidade. O princípio da realidade se modifica a partir do contato com o mundo externo:

“a organização do mundo dos bens, dos bens que o homem produz para a sua satisfação, não é a mesma organização do mundo dos nossos desejos, estes produzidos no caminho de onde parte o princípio do prazer” (p.32).

O desenvolvimento social, que transformou o bem desejado em bens cotizáveis e úteis, somado às relações de identificação, tramadas no inconsciente, descritas por Lacan na metáfora do estágio do espelho, intensificam a criação da imagem do Outro onipotente, poderoso e privador de todos os bens:

“O bem tem, nesse enredamento, uma anterioridade que é a sua utilização como gozo, subjacente ao valor de uso... o homem, ao dispor de si próprio, faz entrar na rede de disponibilidades o seu único bem, o seu gozo, o seu desejo. Nesse sentido, defender os seus bens significa proibir-se de gozar, proibir-se de desejar, pois o outro pode privá-lo do objeto de seu desejo, do seu bem. O bem associa-se, nesse percurso, ao nascimento do poder, sustenta o poder. Aí o direito de dispor dos seus bens é o direito de privar os outros” (p. 34).

Para as pessoas que trabalham honestamente, pagam seus impostos, economizam a vida inteira para ter uma casinha... agora cruelmente devassada..., a segurança proposta pela extinção de todo o Mal é bemvinda. O público-alvo do programa analisado inclui, mormente, os despossuídos, que, de posse da própria vida como bem, acatam o discurso confortador e poderoso de Afanázio Jazadji.

O radialista, onipotente, “dá-se a liberdade de tudo dizer”, desafoga a culpa da humanidade, porquanto os homens de bem nunca são culpados de nada, pois as causas de tanto mal se encontram dispersas na anônima bandidagem: “a despeito de terem nomes, raramente aparecem em menções que os designam como corpo vivo” (p. 68). Para Jeanne Marie, o locutor confere o golpe certo: elege os malfetores, empilhando-os em uma barreira: por mais que as vítimas sejam caçadas e perseguidas há sempre um bandido que de-

veria estar aí para morrer (pp. 80-1). Deste modo, a Lei, a dívida, nunca são cumpridas. Há também outros responsáveis pela desgraça social: achólogos, defensores dos direitos humanos, padres, freiras, intelectuais (pp. 69-70), figuras que Afânazio expulsa de seu discurso: "essa classe de gente - 'os outros que não reconheço'... é integrada por uma variedade de tipos: 'os pseudomoralistas, os pseudojusticeiros'" (p. 69).

O texto de Jeanne Marie aborda questões que suscitam outras visadas, além do recorte psicanalítico. O rádio reproduz em suas pausas o mecanismo regente da cultura: "A cultura só se concebe como parte, como área fechada sobre o fundo da não-cultura" (Lotman, 1981, p. 37). Afânazio, ao desconhecer os elementos sociais estranhos às suas intenções "purificadoras", realiza a retroalimentação necessária à cultura, definida como sistema. "Há um diálogo, tramado nas diferenças culturais, entre as duas instâncias (cultura/não-cultura). A não-cultura surge como exterior e desconhecido" (Baitello, 1989).

Assim, a oposição entre a polícia, instituição nomeada, e os bandidos, inominada ameaça que ronda de todos os lugares, confirma, no rádio, a presença de alguns códigos que compõem a cultura, como, por exemplo, a polaridade e a assimetria. A cultura, considerada como conjunto de códigos hierarquizados, nasce para superar, simbolicamente, a inexorabilidade da morte. A polaridade é a conotação positiva ou negativa que a cultura atribui aos fatos do mundo (Bystrina apud Baitello, 1989). O que escutamos, aqui, é a força imperiosa do pólo negativo: a morte, o mal, o medo, a culpa: plano assimétrico dos pólos.

A interpretação de Jeanne Marie aponta para o desejo de morte e destruição que habita o inconsciente de todo ser humano, mas que foi recalado ao longo do processo civilizatório. A vociferação de Afânazio Jazadji mobiliza este desejo, já que em sua

ubiquidade (a voz radiofonizada toca milhares de ouvintes simultaneamente) representa cada "homem do povo" que sintoniza a Super-rádio Tupi AM.

Ao falar dos malfeitores e da morte, o locutor e seus ouvintes participam de um acordo subjetivo, como diz a autora, fundado na culpa primordial em função do assassinato do Pai, mas também participam de um acordo legitimado por meio da voz que expõe o trote e a mentira. Os ouvintes conhecem a fama de Afânazio: processado por calúnias, falsos testemunhos, enfim por toda sorte de canalhice. Afânazio dramatiza, recria, exagera, humilha; executa, sem dúvida, uma espécie de "sacrifício eletroeletrônico" (Nunes, 1993). Entretanto, o ouvinte aceita e deglute a palavra caída do corpo da voz, que o gratifica. A morte é repolarizada, porque é cena e representação radiofônica.

É possível pensar, ainda, na palavra oralizada no rádio: repetições, hipertrofia de adjetivo e de expressões sinônimas, que servem não só para tornar o mal interminável, como aponta a autora, mas também para acentuar a lógica sintática característica da radiofonia.

Bemaldivida: o bem, o mal e a dívida da vida humana conjugam-se na voz que repete o movimento circular da pulsão e os pulsos da comunicação ritualizada: segurança e promessa de contínuos encontros, garantindo a clarividência do dia que permanecerá igual a todos os outros:

"OUVINTES, VAMOS ENCERRANDO POR HOJE. MUITO OBRIGADA (*) PELA AUDIÊNCIA, AGRADEÇO A GENTILEZA DE TODOS VOCÊS... AMANHÃ TEMOS UM NOVO ENCONTRO: DAS 6:00 ÀS 8:00 DA MANHÃ OU ENTÃO A PARTIR DA MEIA-NOITE, COMO TODOS OS DIAS. ENTÃO, ATÉ LÁ PESSOAL" (Programa levado ao ar em janeiro de 1992, em: Nunes, 1993, p. 33).

BIBLIOGRAFIA

- BAITELLO, Norval Jr. *Sistemas Intersemióticos I: Semiótica da Cultura de Massa*, disciplina oferecida pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, ministrado na PUC-SP, 1989.
- LOTMAN, J. et alii. *Ensaio de Semiótica Soviética*. Trad. de Vitória Navas e Salvato Teles. Lisboa, Livros Horizonte, 1981.
- MILANESI, Luis. *O Parásito Via Embratel*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.
- NUNES, Mônica Rebecca Ferrari. *O Mito no Rádio: A Voz e os Signos de Renovação Periódica*. São Paulo, AnnaBlume, 1993.
- PRADO, Emílio. *Estrutura da Informação Radiofônica*. Trad. de Marco Antônio de Carvalho. São Paulo, Summus, 1989.

* O erro gramatical disseminado por algumas transmissões em AM traduz-se na "língua amiga", capaz de aproximar o locutor do ouvinte, garantindo o controle do emissor sobre o ato comunicativo.